

# **HISTÓRICO DA FAMÍLIA LÉDA**

**Por**

**Lilian Maria Léda Saldanha  
Maria Celeste Palhano de Oliveira**

## APRESENTAÇÃO

A iniciativa dos descendentes de Leão Leda em promover em Petrolina, em setembro de 2007, o **1º Encontro da Família Leda**, motivou a elaboração deste texto. No entanto, a ideia de resgatar esta história, marcada pela grandeza de seus ideais e ao mesmo tempo pela violência e pela tragédia, obrigando o exílio da família para paragens distantes, era um desejo que vinha sendo acalentado por diversos integrantes da família.

Muitas pessoas vinham reunindo informações, recolhendo dados, ouvindo relatos dos mais velhos. Com a criação da comunidade “Família Leda” no Orkut, tornou-se possível identificar muitos primos e primas que conheciam alguns fatos através de seus pais, avós e bisavós e estavam interessados em pesquisar mais detalhadamente essa história. Foi nessa comunidade que as autoras do texto se conheceram e passaram a trocar informações por e-mail, telefone, correios, até chegar o momento em que tiveram um encontro em Brasília. O texto foi aos poucos sendo construído, e o Encontro de Petrolina veio criar o espaço para a sua divulgação.

Consideramos que este é um texto inicial, que irá se estendendo e complementando à medida que novas informações forem surgindo. Novos integrantes da família estão se propondo a fornecer dados. As investigações devem prosseguir, no sentido de reparar uma grande injustiça.

É preciso remexer as lembranças, levantar a poeira do tempo e tornar pública a verdade por tanto tempo escondida com o intuito de proteger a imagem de pessoas influentes que financiaram e tramaram essa tragédia, todas elas ligadas ao poder político e religioso ao final do Século XIX e início do Século XX.

**Dedicamos este texto a todos os membros da Família Leda, que se acham inevitavelmente ligados por laços de sangue a essa história.**

**De modo especial, homenageamos a memória dos nossos antepassados, que foram obrigados a deixar sua vida, sua terra natal, seus amigos, trucidados pela inexistência da Justiça e exilados pela prepotência de um poder político estadual equivocado e vil. A eles o nosso amor e o reconhecimento dos ideais que motivaram sua luta.**

**Também aos mais novos integrantes da família, para que conheçam essa história e a divulguem para as gerações que virão.**

**Finalmente a Artur Thiago, pela criação da Comunidade “Família Leda” no Orkut e a Lauro Coelho Leda Filho, pela coragem e determinação de idealizar e coordenar o 1º Encontro da Família Leda em Petrolina.**

“A derrota dos Leda representou a derrota do sertão, na medida em que essa integração significou sujeição do sul do Maranhão às decisões governamentais tomadas pelos oligarcas de São Luís” (*Dr. Socorro Coelho Cabral em Caminhos do Gado*).

“Leão Leda como político foi um homem de destaque no seu partido em Grajaú; como pai de família era de um carinho exemplar, de uma afeição sem igual, extremoso e bom; como amigo era sincero e dedicado, sacrificando-se pelo amigo assumindo a responsabilidade dos atos mais arriscados” (*Jornal O Norte de Barra do Corda em 27/03/1909*).

“Sua reconhecida altivez e lealdade, qualidades que o empenharam constantemente em luta contra a opressão e o arbítrio e o tornaram o centro de gravidade para onde se voltaram todos aqueles que se sentiam feridos em seus direitos e desprezados pela justiça... Amigo do povo, por um homem do povo se batia com a mesma dedicação e vigor com que se bateria por amigos valorosos” (*Jornal A Pacotilha de São Luis, 30/03/1909*).

# CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DA FAMÍLIA LEDA

*Lílian Maria Leda Saldanha<sup>1</sup>*

*Maria Celeste Palhano<sup>2</sup>*

## A PRIMEIRA GERAÇÃO DOS LEDA NO MARANHÃO

A origem da família Leda no Maranhão, pelo que foi possível até agora saber, começa com **ANTONIO RODRIGUES DE MIRANDA LEDA**, que chegou à região sul da então província do Maranhão, provavelmente na primeira metade do século XIX, em companhia do seu pai, um comerciante português.

**ANTONIO LEDA** contraiu matrimônio com **LEOCÁDIA MOREIRA**. Esta era filha do casal **Bento José Moreira**, bandeirante, natural de São Paulo e **Perpétua Maria dos Reis**, pertencente a uma família de posses e influência na região sul do Maranhão, mais precisamente Pastos Bons. **Leocádia** era a filha caçula do casal Bento-Perpétua, que além dela teve outros filhos: Martiniano José, João Bento José, Torquato José, Virgulino José, Clementino José, Francisco José, Fortunato José, Juliana, Perpétua, Tomásia, Maria Angélica, Luisa, Ricardina.

Está aí a origem da união das famílias **MOREIRA E LEDA**, que permaneceriam por muito tempo, apoiando-se nas lutas políticas do sul do Maranhão.

Da união entre **Antonio Rodrigues de Miranda Leda e Leocádia Moreira Leda** nasceram vários filhos, dos quais sabemos a existência de:

- Leão (há informações de que nasceu em 1840)
- Luiz (nascido em 1851)
- Ana
- Mariano
- Antonia
- Quintina
- Perpétua

Essa é, portanto, a primeira geração dos **LEDA**. Eles viveram no sul do Maranhão, principalmente nas regiões dos municípios que atualmente se denominam Grajaú, Barra do Corda, Riachão, Balsas, Carolina, Pastos Bons e outros, onde tiveram influência política. Desde o início se notabilizaram por seus ideais liberais, sonhando com o fim da monarquia e desejando uma nação mais livre e participativa que, acreditavam, só poderia se concretizar com o regime republicano.

---

<sup>1</sup> Lílian Maria Leda Saldanha, filha de Frederico Leda, neta de Luiz Rodrigues de Miranda Leda e sobrinha-neta de Leão Leda.

<sup>2</sup> Maria Celeste Palhano Oliveira, filha de Maria Helena, neta de Amélia Leda Palhano e bisneta de Leão Leda.

É interessante informar que o alto sertão maranhense, foi a região pioneira na defesa dos ideais republicanos, na então Província do Maranhão. Sobretudo Barra do Corda, desde cedo se constituiu no maior centro de propaganda republicana. (MEIRELLES, Mário. O Maranhão e a República. São Luis: Sioge, 1990, p.12).

## **A SEGUNDA GERAÇÃO DOS LEDA.**

A segunda geração já começou a se espalhar pelo Estado e depois por todo o Brasil. Alguns para se distanciarem das perseguições políticas que lhes ameaçavam a vida; outros, em busca de melhores oportunidades de vida e de estudo.

Vamos conhecer a segunda geração dos Leda.

### **1. DESCENDENTES (filhos) DE LUIZ RODRIGUES DE MIRANDA LEDA (nascido em Grajaú em 21/06/1851).**

Conhecido como Major Luiz Leda, foi comerciante e fazendeiro, morando por muito tempo em uma fazenda próxima a Grajaú, tendo mais tarde se transferido com a família para Barra do Corda. Numa região em que o analfabetismo chegava a quase 80% da população, Luiz era uma pessoa de razoável cultura, dado à leitura e sempre sintonizado com os acontecimentos políticos do Estado e do País. Há menções sobre ele, chamando-o de Professor Luiz Leda.

Dunshee de Abranches, na sua obra “A Esfinge do Grajaú”, tendo pernoitado em sua fazenda, quando tiveram uma longa conversa, refere-se a ele como: “*Professor Luiz Leda, cuja brilhante inteligência e variada cultura literária não tardaria a admirar em alguns dias de proveitosa convivência.*”<sup>3</sup>

Carlota Carvalho, em sua obra “O Sertão”, cita-o como um dos redatores principais de “O Norte”, jornal de Barra do Corda, ao lado do seu sogro Frederico Figueira (p.208).

**LUIZ** casou-se em primeiras núpcias com sua prima Margarida Moreira e teve 13 filhos. No entanto, devido a problemas gerados pela consangüinidade, apenas 03 sobreviveram: Antonia (Tonica), Leônidas, que morou muito tempo em São Luis e depois se mudou para o Rio de Janeiro e João Capistrano, que também morou em São Luis e já em idade avançada mudou-se para o Rio Grande do Sul.

Falecendo sua primeira esposa, **LUIZ** casou-se novamente em 15/01/1902 com **OCÍLIA FIGUEIRA, conhecida por Sinhazinha** (nascida em 1881 e, portanto 30 anos mais nova que o marido). Ela era sobrinha e filha adotiva de Frederico Figueira, nome dos mais influentes nos sertões maranhenses. Com ela Luis teve mais 17 filhos:

- Maria do Carmo – Cotinha (1903)
- Odete (1904)
- Arlindo (1905)
- Maria de Lourdes (1907)
- José (gêmeo de M<sup>a</sup> de Lourdes) (1907)
- Hamilton (1908)
- Leonilia (1910)
- Cândida (gêmea de Leonília, 1910).
- Luiz (1911)
- Frederico (1912)
- Antonio (1914)
- Maria da Conceição (1916)
- Lélia (1917)

---

<sup>3</sup>. Dunshee de Abranches. **A esfinge do Grajaú**. São Luis: ALUMAR, 1993, p.98.

- Raimunda- (Diquinha) (1919)
- Maria de Jesus (1921)
- Francisco (1923)
- Carlos Alberto (1927).

Luiz Leda faleceu em Barra do Corda em 06/10/1926, aos 75 anos de idade.

Dos filhos de Luiz Leda, vários moraram muitos anos em Bacabal-Ma. É o caso de Frederico, Antonio, Odete, Maria de Lourdes, Francisco e posteriormente Maria da Conceição. Depois, alguns foram se transferindo para São Luis, (Frederico, Luis, Antonio), para Fortaleza (Lélia, Raimunda mais conhecida por Diquinha, Conceição e Maria de Jesus), para Teresina (Francisco) e Rio de Janeiro (Cotinha e Carlos Alberto).

É interessante observar que Lélia e Raimunda se tornaram freiras franciscanas, adotando os nomes de Irmã Honória e Irmã Cláudia.

Dos filhos de Luiz Leda, acham-se vivos apenas Francisco (que foi muito tempo gerente do Banco da Amazônia em Porto Nacional-Go e Teresina), e Carlos Alberto, que se transferiu ainda jovem para o Rio, mas há muito tempo não se tem notícias.

De todos os filhos do segundo matrimônio de Luiz Leda, apenas Frederico seguiu carreira política. Foi vereador e duas vezes prefeito do município de Bacabal-Ma. Depois, por duas legislaturas foi Deputado Estadual, chegando a ser eleito Presidente da Assembléia Legislativa do Estado. Faleceu aos 78 anos em São Luis, no ano de 1991.

Do primeiro matrimônio, o filho Leônidas também teve atuação política, elegendando-se vereador e posteriormente prefeito da cidade de Barra do Corda no período de 1914-1915.<sup>4</sup>

## 2. DESCENDENTES (filhos) DE LEÃO RODRIGUES DE MIRANDA LEDA (2ª geração)

Conhecido como Coronel Leão Leda, foi sem dúvida alguma o mais célebre representante da família, ativista político, republicano convicto, figura polêmica, odiado por uns e amado por outros.

Segundo COUTINHO, no livro “Grajaú: um estudo de sua história”, Leão era “rico fazendeiro, maior expoente do partido liberal da região e chefe familiar (...)”<sup>5</sup>. O Jornalista Parsondas Carvalho, em crônica publicada no Jornal Pacotilha de 22.01.1902, diz que ele era “moço educado em um colégio ou Liceu da capital, ativo, rico e munificent”.<sup>6</sup> E segundo Dunshee de Abranches, “sua fama de valente guerrilheiro, espalhada em toda a Província, atraía a admiração de uns e o terror de muitos”<sup>7</sup>

Ele é descrito fisicamente num trecho de Eloy Coelho Netto, na obra “História do Sul do Maranhão”. Coelho Netto, ao reproduzir em sua obra as impressões de Dunshee de Abranches sobre os irmãos Luiz e Leão, narra sua aparência.

*Afirmavam (os irmãos Leda) ter nas suas veias o sangue derramado na defesa da Independência e das grandes causas nacionais. Assim era o pensamento de Luiz Leda e do seu irmão Leão Leda, que loiro e*

<sup>4</sup> BRANDES, Galeno Edgar. **Barra do Corda na história do Maranhão**. São Luis/Ma. SIOGE, 1994.

<sup>5</sup> COUTINHO, Márcio. **Grajaú: um estudo de sua história**. Edigraf: São Luís, 2006, p. 185.

<sup>6</sup> Informação obtida através da publicação das crônicas de Parsondas Carvalho como anexo da obra: DINO, Sálvio. **Parsondas Carvalho: um novo olhar sobre o sertão**. Ética, Imperatriz-MA: 2006 (p.149)

<sup>7</sup> ABRANCHES, Dunshee. **A esfinge do Grajaú**. 2ªed. São Luís: ALUMAR, 1993, p.105

*risonho, de olhos aquilinos, irradiava do seu semblante franco e jovial uma irresistível simpatia.*

**LEÃO LEDA** contraiu matrimônio com **VIRGÍNIA DE MELLO** e tiveram 10 filhos:

- Raimunda (Mundoca)
- Leonina
- Marica
- Amélia
- Mariano
- Tarquínio
- Ireo
- Manoel
- Antonio
- Nelson.

Destes, Mariano faleceu aos 20 anos, quando, em companhia do pai, foram ambos assassinados, vítimas de uma covarde emboscada. Também Nelson faleceu jovem, aos 22 anos.

Com referência à carreira política, sabe-se que Leão foi nomeado ainda no período monárquico, suplente do Juiz Municipal de Grajaú. Mas foi após a Proclamação da República que seu poder e prestígio atingiram o auge. Leão Leda, que havia sido o mais fervoroso defensor da República, tornou-se o principal chefe político de Grajaú, com influência em todo o sul do Maranhão, após a queda da Monarquia.

Liderou um conflito armado, que ocorreu no final do Século XIX e início do Século XX, e que ficou conhecido no Maranhão como “Conflito de Grajaú” ou “Guerra do Leda”, que será detalhado mais adiante.

### **3. DESCENDENTES (filhos) DE ANA LEDA (2ª geração).**

Sobre **ANA LÉDA**, irmã de Luis e Leão, sabe-se que contraiu matrimônio com **LAURINDO PIRES ARAÚJO**. Deste consórcio nasceram os seguintes filhos:

- Antonio
- Pedro
- Perpétua
- Leocádia
- Maria José
- Lino

Entre seus descendentes muitos se dedicaram à política, sendo eleitos para exercerem o cargo de prefeito e deputado. É o caso de Eurico e Telêmaco Ribeiro. O primeiro foi deputado e chegou a governador interino do Estado do Maranhão e Telêmaco foi Deputado estadual. Também os irmãos Adilon e Antenor foram prefeitos de Presidente Dutra, bem como Ariston, que além de prefeito de Presidente Dutra exerceu o mesmo cargo no município de Tuntum.

### **4. MARIANO RODRIGUES LEDA.**

Quase não há informações sobre Mariano Leda. Sabe-se que em algum momento de sua vida morou em São Luis, onde foi Secretário do Liceu Maranhense.



Nesta época, provavelmente final do Século XIX, este cargo correspondia ao de Diretor daquela instituição.

Sabe-se também, através de fontes seguras, que Mariano Leda, já idoso, viu-se obrigado a mudar-se com a família para Manaus, devido às perseguições políticas e à situação instável vivida pela família Leda no Maranhão.

Dos seus filhos tem-se notícia de João Leda, que foi sócio fundador da Academia Amazonense de Letras, dando seu nome a uma das cadeiras daquela instituição. João foi escritor, jornalista, filólogo, grande conhecedor e estudioso da língua portuguesa. Deixou várias obras publicadas. Acredita-se que boa parte dos Leda residentes em Manaus são descendentes dos filhos de Mariano Leda.

#### **4. ANTONIA MOREIRA LEDA**

Antonia casou-se com Manoel Martins Jorge e tiveram os seguintes filhos:

- Rosa de Lima Martins Moreira (Rosinha)
- Nelson Martins Moreira
- Silvino Martins Moreira
- Hortência Martins Moreira
- Antonia Martins Moreira
- José Florêncio Martins Moreira
- Perpétua Martins Moreira
- Maria Laura Martins Moreira
- Manuel Martins Moreira

Destes, Rosa, Antonia, José Florência e Maria Laura não deixaram descendentes.

### **OS IDEAIS E A HISTÓRIA POLÍTICA DA FAMÍLIA LEDA.**

A família Leda desde a Monarquia destacou-se pelos seus ideais liberais e republicanos. Portanto, colocavam-se em oposição aos interesses do regime dominante e por essa razão enfrentaram duras perseguições políticas. As lutas em que a família se envolveu podem ser divididas em dois momentos: o primeiro, antes da República. O segundo após a Proclamação da República.

#### **A) Primeiro Momento - A Luta Política antes da República.**

Antes da Proclamação da República a luta se deu entre **FRANCISCO ARAÚJO COSTA**, chefe do Partido Conservador e as famílias **MOREIRA E LEDA**, filiados ao Partido Liberal. Eloy Coelho Netto, na obra “**História do Sul do Maranhão**”, assim se expressa:

*No período que antecede a novembro de 1889, bem como nos fins do século XIX, registrou-se na vida política de Grajaú, uma das lutas mais cruentas e cheias de lances entre o Coronel Francisco de Araújo Costa e o Capitão Leão Leda, Major Luiz Leda e o Major Rosa Lima (genro de Leão), chefes que eram da facção liberal cujas famílias, Leda e Moreira, faziam a representação.<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> COELHO NETTO, Eloy. **História do Sul do Maranhão**. Belo Horizonte: São Vicente, 1979, p. 185.

**FRANCISCO DE ARAÚJO COSTA**, natural do Piauí, de origem pobre, sem bens e sem parentes, fora criado por Militão Bandeira Barros, chefe político possuidor de grande riqueza e inimigo dos MOREIRA, desde a época da Cabanagem.

ARAÚJO COSTA, mesmo sem instrução, investiu na carreira política como sucessor de Militão, cometendo desmandos que o incriminavam como autor de assassinatos, ferimentos graves, apropriações indébitas de fazendas, resistência às autoridades, entre outros<sup>9</sup>. Eleito Deputado Estadual chegou a Presidente da Assembléia. Foi apelidado de “o Cristo da Chapada”, ou “Cristo de Grajaú”. Segundo Coelho Netto, ele representava muito bem o que se denominava de Coronelismo, ou seja, exercia o tipo de poder autoritário, com seus currais eleitorais e baseado no lema “mando e posso”. Sempre foi severo opositor dos Moreira e Leda.

Os dois grupos – um chefiado por Araújo Costa, representando os Conservadores e outro integrando os Leda e Moreira, representando os Liberais, se enfrentavam continuamente, com a diferença de contar o primeiro grupo com o apoio dos políticos situacionistas da capital, que sempre foram solícitos em ajudar Araújo Costa, tanto financeiramente como com o envio de tropas armadas para combater e exterminar o outro grupo.

Luiz Leda, em conversa com Dunshee de Abranches, expressa bem a situação em que viviam:

*Não nos dobramos a cerviz e à prepotência nem ao latrocínio sanguinário, arvorados em autoridades e chefes políticos. Daí as perseguições atroztes que vamos sofrendo por parte dos que nos querem exterminar. E, como em geral não confiamos na Justiça, somos forçados a reagir de armas na mão para defender as nossas propriedades e as nossas próprias vidas!*

O conflito entre o grupo dos **Leda e Moreira** e seu adversário **Araújo Costa** se intensificou quando este último sofreu um atentado em março de 1882. Ele seguia em companhia de um escravo para vistoriar suas lavouras, quando foi vítima de uma emboscada e um tiro lhe feriu a testa de raspão. As investigações apontaram como criminoso o indivíduo conhecido como Pernambucano, um foragido cearense que trabalhara fazendo telhas no lugar chamado Currais, de propriedade de Leão Leda, que passou a ser acusado como um dos mandantes do crime.

Os ânimos ficaram mais exaltados que nunca. O clima de disputas políticas e banditismo se intensificou. Em represália, Leão Leda teve sua casa incendiada pelos capangas de Araújo Costa. As disputas pelo poder começaram a ser resolvidas à bala e uma onda de desordem e desobediência à lei se disseminava rapidamente. Grajaú vivia uma verdadeira guerra civil com espancamentos, saques e mortes acontecendo em praça pública.

Novamente Luiz Leda, em conversa com D. de Abranches, narra as perseguições que lhes eram infligidas. Diz ele:

*Foi em fins de 1885. Os conservadores haviam subido ao poder. A nossa família estava exausta, quase sem recurso, com as suas fazendas queimadas e o gado dizimado pelos facínoras de Araújo Costa. Este recebera dos seus chefes da Capital, além de auxílios em dinheiro e em tropas de polícia, carta-branca para exterminar-nos a ferro e fogo<sup>10</sup>.*

---

<sup>9</sup> ABRANCHES, Dunshee. op. cit, p. 123

<sup>10</sup> ABRANCHES, op. cit, p. 103-104

Como se vê, por serem opositores, os Leda e seus correligionários políticos tiveram muitas vezes que enfrentar reforços enviados de São Luis pelo poder público, para combatê-los.

Para tentar apaziguar os ânimos e evitar maiores conflitos, o Presidente da então Província do Maranhão, Moreira Alves da Silva, nomeou Dunshee de Abranches para Promotor de Grajaú, incumbindo-o de decifrar os mistérios e enigmas deste conflito, recomendando que não se envolvesse nas disputas partidárias. Devia ele apontar os responsáveis por essa violência generalizada e contribuir para por fim à crise política mais difícil para a administração da Província, naquele momento<sup>11</sup>.

A caminho de Grajaú, Abranches pernitoou na fazenda de Luiz Leda, que ficava a algumas léguas da cidade. No seu livro ele descreve minuciosamente a conversa que teve com Luiz e depois com Leão. Referindo-se às suas impressões sobre a família LEDA comenta: “A noite que pousara na fazenda do Major Luiz Leda me proporcionara ensejo de conhecer uma família honrada e culta, incapaz de praticar as ações abomináveis que eram atribuídas a seus chefes.”<sup>12</sup>

O próprio Abranches, ao que se sabe, sofreu perseguições e foi acusado de proteger os liberais, representados pelas famílias Leda e Moreira.

No cumprimento de sua missão ele conseguiu conversar com os líderes dos dois partidos, com os irmãos Leda e com os partidários de Araújo Costa, exortando-os a se manterem numa atitude mais pacífica. Na verdade houve uma trégua, que como ele mesmo diz, foi uma trégua no terreno das lutas armadas, mas não no campo dos ideais.

## **B) Segundo Momento – A Luta Política após a Proclamação da República. A Guerra do Leda.**

Proclamada a República em 1889, logo declinou a influência de Araújo Costa, e por sua vez, Leão Leda, o mais fervoroso defensor da República tornou-se o novo e poderoso chefe político de Grajaú. Como diz Coutinho: “o novo regime devolveu o poder aos próceres liberais de Grajaú e restituiu aos Leda os postos de comando na cidade de Grajaú” (p. 185).

Entretanto, outro líder passou a confrontar-se com Leão Leda em busca de prestígio e poder. Chamava-se **JEFERSON NUNES**.

Para compreendermos os fatos ocorridos em Grajaú, temos que nos reportar à reorganização partidária ocorrida no Maranhão após a República. Dois partidos políticos se tornaram muito importantes: o **Republicano**, que acolheu os antigos políticos liberais, e o partido **Federalista**, onde se filiaram os políticos conservadores do período imperial.

O Partido Federalista foi fundado e dirigido por Benedito Leite, sem dúvida a mais conhecida figura política do Maranhão ao final do século XIX e início do século XX. Embora só tenha governado oficialmente o Estado por um curto espaço de tempo (1904-1906), segundo o historiador VIVEIROS, ele foi de fato o governador do Estado desde 1893 até 1908 quando morreu, pois nada acontecia no Maranhão sem passar pela sua aprovação. Seu prestígio extrapolou os limites do Estado quando ele se elegeu Senador da República, tornando-se conhecido nacionalmente.

JEFFERSON NUNES, logo percebeu que, para fortalecer-se no combate a Leão Leda, deveria buscar o apoio de Benedito Leite. Como diz COUTINHO, referindo-se a ele:

---

<sup>11</sup> Em sua obra “Esfinje do Grajaú” Abranches narra todos os episódios que viveu no desempenho dessa missão.

<sup>12</sup> ABRANCHES, op. cit, p. 140

*Político matreiro, logo percebeu os rumos da política maranhense, filiando-se ao Partido Federalista, agremiação de Benedito Leite, grande liderança maranhense e, a esta época, iniciando sua ascensão política (p.185).*

Tornando-se partidário de Benedito Leite, logo Jefferson Nunes começou a colher os frutos de sua aliança, conseguindo nomear partidários seus para os cargos não eletivos mais importantes de Grajaú e circunvizinhanças. Foi o caso da nomeação de Estolano Eustáquio Polary para a Promotoria de Grajaú.

Os ânimos, que já se encontravam novamente acirrados explodiram, quando em 16 de agosto de 1898, Polary foi assassinado e o crime atribuído ao grupo Leda-Moreira (Leão, Silvino, Nelson e Tomás José) que foi ameaçado de prisão. É importante destacar que Raimundo Mello, presidente do diretório do partido governista do Grajaú, portanto adversário político de Leão, em entrevista ao “Jornal de Caxias”, afirmou que em sua consciência achava que eles nenhuma parte tiveram no assassinato do promotor Estolano Polary.

**O Jornal do Comércio** de São Luís publicou:

*Continuam a chegar notícias alarmantes do alto sertão. O assassinato do Promotor Público, atribuído a última hora ao Coronel Leão Leda e a seus parentes, importantes proprietários e influentes oposicionistas daquela comarca, faz recear que se repitam as cenas lutuosas de 1880 e 1888 em que a zona sertaneja se manteve em completa sedição. Espera-se com ansiedade a volta do chefe de polícia que foi àquela localidade sindicat os fatos, acompanhado de grande aparato de forças.*

SOCORRO CABRAL<sup>13</sup>, em seu livro “Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão” também tece comentários sobre o crime:

*O crime foi atribuído aos Leda e aos Moreira, clã familiar de grande influência em Grajaú e outras localidades sertanejas. Os Leda e os Moreira tinham como adversário político Jéferson Nunes, que não possuía a liderança e o prestígio de seus inimigos, mas, em contrapartida, contava com o apoio de Benedito Leite, do antigo Partido Conservador, que dominava o poder regional na época. (p. 192)*

Jefferson Nunes, aproveitando-se da situação, viajou para São Luis para fazer a denúncia do crime e conseguiu convencer o então governador João Costa - que havia sido eleito com o apoio e prestígio de Benedito Leite, a enviar forças armadas a Grajaú para combater o grupo de Leão Leda. Começava então o maior conflito armado ocorrido no Sul do Maranhão, pois a reação dos partidários de Leda foi igualmente dura. Cerca de 40 homens armados foram enviados ao local para combatê-los, no entanto foram derrotados.

COUTINHO, referindo-se ao fato, comenta:

*Jefferson Nunes, acompanhado de pequena força, tentou fazer presos os suspeitos do homicídio desencadeando dura reação de Leão Leda. O líder político de Grajaú, amparado por notável prestígio popular e grande força*

---

<sup>13</sup> Maria do Socorro Coelho Cabral, já falecida, foi Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O livro é resultado de sua tese de Doutorado realizado na USP. Ver: CABRAL, Socorro. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luis: SIOGE, 1992.

*eleitoral, arregimenta numerosos homens, os arma e marcha contra a força de Jefferson Nunes, fazendo-a fugir para Barra do Corda. (p. 186)*

Vencidas as forças enviadas pelo governo estadual, ficava desmoralizado o Governador João Costa e seu padrinho político, Benedito Leite. Entretanto, a força estadual, por vingança passou a matar e queimar as casas dos amigos de Leão Leda.

O Governador, inconformado com a derrota e contando com o apoio de seu influente protetor, enviou novamente para Grajaú um grande contingente de soldados e voluntários arregimentados em Imperatriz e redondezas, todos fortemente armados. Desta vez são 400 homens, comandados pelo Tenente-coronel Pedro José Pinto, cujo objetivo era fazer a prisão de Leão, antes mesmo que houvesse qualquer procedimento judicial contra ele. Duríssimos combates foram travados entre os partidários de Leão Leda e as tropas enviadas de São Luis. Novamente COUTINHO comenta em sua obra:

*A popularidade de Leão Leda e o clima generalizado de revolta davam ares revolucionários aos sertões e acendiam sérias preocupações no governo. A força oficial foi aumentada e Leão Leda foge para lugar incerto, falavam em Goiás (p. 186).*

Leão ainda requereu ao juiz de Direito interino um *habeas-corpus* preventivo, conforme se pode constatar através de notícia do **Jornal do Comércio**, em 04.10.1898:

*Consta que vai ser encarregado notável advogado do Rio de Janeiro de solicitar Habeas-Corpus preventivo, em favor do Coronel Leão Leda e de outros chefes políticos, ameaçados em sua liberdade, por causa dos últimos acontecimentos em Grajaú, dos quais resultou a morte do Promotor Público Estolano Polary.*

Parsondas Carvalho, jornalista maranhense íntegro e conceituado, que escrevia crônicas para o Jornal “A Pacotilha”, as quais eram também publicadas no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, diz em crônica do dia 29.01.1902, que “*a força se avizinhava e Leão, colocado entre duas hipóteses, resistir à violência ou retirar-se, preferiu esta. Retirou-se*”<sup>14</sup>.

Quem teve oportunidade de analisar documentos e Relatórios de Governo deste período, verifica o quanto foi gasto em recursos públicos para exterminar o poder político de Leão Leda. Aliás, o Governador dizia que o Estado estava falido, que obras não podiam ser realizadas devido às enormes despesas para manter as tropas em Grajaú. LEÃO resistiu bravamente enquanto foi possível. A família passava por grandes dificuldades financeiras e por toda ordem de dificuldades. O único caminho para não ser morto e garantir a segurança de seus familiares era a retirada do grande líder para um lugar desconhecido.

Assim, acatando aos pedidos de amigos e familiares, Leão cruzou o Tocantins e foi asilar-se em Boa Vista (hoje Tocantinópolis) no Estado de Goiás, onde mantinha o propósito de produzir sua defesa no juízo competente, visto que havia sido nomeado para a Comarca de Grajaú um juiz de Direito respeitável, que se negava ser instrumento de manipulação na mão de quem quer que fosse – o Dr. Caio Lustosa. Entretanto, os

---

<sup>14</sup> As crônicas de Parsondas Carvalho sobre a Guerra do Leda, publicadas de 20 de janeiro de 1902 a 2 de fevereiro de 1903 nos referidos jornais, foram reunidas por Adalberto Franklin e colocadas como anexo na obra: DINO, Sálvio. **Parsondas de Carvalho**: um novo olhar sobre o sertão. Imperatriz, Ma: Ética, 2006.

amigos de Benedito Leite o convenceram a demitir o Juiz, para dificultar ou mesmo impossibilitar que os procedimentos judiciais seguissem sua marcha normal. Havia depoimentos atestando que ele nada tivera com a morte do Juiz Polary e ele queria provar o seu não envolvimento no crime.<sup>15</sup>

Mas, com a retirada de Leão o massacre não cessou. Seu prestígio continuava se estendendo a todo o sertão e incomodando os governistas. Como diz COUTINHO:

*A sombra de Leda parece deitar-se em todo o sertão maranhense, e seu prestígio e apoio popular crescem a cada dia – logo assemelha-se a um mito e cada ação sua é interpretada como um desafio ao governo estadual. O governador não podia aceitar. Benedito Leite vocifera e a ordem é perseguir e prender Leão Leda e seus simpatizantes. (p.186)*

Ainda durante o ano de 1900, ano em que se refugiara em Boa Vista, a presença de Leão Leda em Riachão, acompanhado de forte segurança, foi noticiada. Na realidade, conforme explica Parsondas Carvalho, ele retornou para buscar seus gados, para vender os imóveis e alienar algumas fazendas. Desejava se estabelecer definitivamente em Boa Vista e fundar lá outras fazendas. Jurado de morte se fez acompanhar de cerca de 30 homens armados, para auxiliá-lo na condução do gado e também para garantir sua vida. Esse fato foi considerado uma provocação aos seus adversários que, para desmoralizá-lo, começaram a espalhar o boato de que ele e seus homens tinham vindo roubar gado das fazendas, para levar para Goiás.

Novamente são destacadas forças para combater Leão Leda. As tropas agora são confiadas à chefia do tenente-coronel João de Deus Moreira de Carvalho, com a ajuda dos capitães Bibiano e Nicolau, que iriam juntos dar continuidade às arbitrariedades, escrevendo páginas de sangue na história dos sertões maranhenses.

As tropas governistas foram procurar Leão primeiramente na fazenda “Canto Grande”, onde não o encontrando destruíram tudo o que ali havia. Seguiram então para a fazenda Carolina, onde ele realmente se encontrava. Como nos diz Parsondas, em vez de entregarem mandados de prisão, o que se ouviu foi a voz das suas espingardas. Leão e seus homens reagiram e o capitão Bibiano teve que fugir, conduzindo o Capitão Pedro ferido e deixando mais dois soldados baleados, dos quais Leão humanamente tratou.<sup>16</sup>

Amigos e parentes de Leão pediram para que ele retornasse imediatamente a Goiás, a fim de evitar piores conseqüências e que deixasse para outra época a retirada dos seus bens. Leão concordou e voltou a se instalar em Boa Vista. Na ausência do líder, a violência dirigiu-se ainda mais forte contra seus aliados, amigos e familiares. A ordem era perseguir até a morte todos os que lhe dessem qualquer tipo de ajuda ou mesmo apoio moral. Era preciso inclusive acabar com os bens dos Moreira, para evitar o patrocínio financeiro a Leão. Foi uma época de barbaridades, onde aqueles que haviam acolhido Leão foram torturados, mortos, tiveram roubados os seus bens e incendiadas suas fazendas. A intenção era submetê-lo a total isolamento, o que levou Parsondas Carvalho a escrever em suas crônicas:

*As justiças medievais nunca exigiram que o criminoso não tivesse amigos, não tivesse quem por eles se interessasse, lhe desse agasalho e alimentos. Este pedaço de costumes sociais ficou reservado para o fim do século XIX e devia marcar na história da civilização o período*

---

<sup>15</sup> Informações obtidas em DINO, Sálvio op.cit.

<sup>16</sup> Estes acontecimentos acham-se narrados na crônica de Parsondas Carvalho, publicada no jornal “A Pacotilha”, de 03.02.1902 reunidas na obra de DINO.

*brilhante em que o senador Benedito Leite governou discricionariamente o Maranhão*<sup>17</sup>

Foi necessário que um Jornal do Rio de Janeiro publicasse os artigos escritos por Parsondas Carvalho, onde ele denunciava a situação brutal e as ilegalidades cometidas pelas tropas enviadas e financiadas pelo governo do Estado do Maranhão a Grajaú. Em nome da lei, dizia ele, esses facínoras invadiam e queimavam propriedades, estupravam, torturavam e matavam até crianças, em busca de qualquer informação que os levasse a Leão Leda.

A repercussão desse artigo fez com que fosse enviada uma comissão a Grajaú para observar e relatar a situação existente. O relatório dessa comissão constatou a existência de uma situação de violência extrema, com ações de vingança, de forte cunho político e de vantagens pessoais.

Diante do clamor público, que poderia prejudicar a imagem de Benedito Leite, e como Leão continuava desaparecido, o Governador resolveu determinar o fim das operações e deu por encerrada a Guerra do Leda.

Socorro Cabral, escrevendo sobre o fim do conflito, assim se expressa: “A derrocada dos Leda e dos Moreira representou não só a derrota de um clã, mas a destruição das lideranças locais, liberais que resistiam à introdução de mecanismos de controle político da região (p.192.)”. Segundo essa historiadora, esses líderes políticos não desejavam a integração dessa área do sul do Estado ao poder central, localizado em São Luís. Sonhavam e tentavam criar um poder regional forte, baseado na valorização da memória e das tradições culturais dos sertões maranhense. E ela conclui: “A derrota dos Leda representou a derrota do sertão, na medida em que essa integração significou sujeição do sul do Maranhão às decisões governamentais tomadas pelos oligarcas de São Luís” (p. 192 e 193). S. Cabral cita também os irmãos Leda, Luis e Leão, como figuras representativas na tentativa de formação de uma identidade regional, ao lado de Parsondas de Carvalho, Alcides Carvalho, Carlos Leitão e Padre Balduino.

Embora oficialmente o conflito tenha sido encerrado, a realidade era outra bem diferente. A perseguição aos membros da família Leda e Moreira continuou ainda por muitos anos, até ter um terrível desfecho.

Sobretudo Leão Leda, passou a ter sua memória e sua honra vilmente atacadas, numa tentativa de colocar a população contra ele, o que de certa forma já era uma estratégia para liquidar com sua vida e garantir aos seus assassinos as honras de benfeitores do povo sertanejo. Todos os que se diziam amigos de Leão Leda, ou parentes, mesmo os mais distantes, eram perseguidos. E muitos foram barbaramente assassinados.

## **O MASSACRE DE UM LÍDER: ATÉ ONDE PODE LEVAR A LUTA POR UM IDEAL E UM SONHO?**

Como já foi relatado, Leão Leda foi para Goiás, passando por Carolina do Norte, onde o acolheu o Sr. Cantídio Justino de Medeiros. Passou por Pedro Afonso, por Conceição do Araguaia e finalmente fixou residência em **Boa Vista**, hoje denominada de Tocantinópolis, ao norte de Goiás. Segundo Palacin, (p. 119), ele escolheu essa cidade devido a sua proximidade com o Maranhão e a facilidade de comunicação com Grajaú.

---

<sup>17</sup> CARVALHO, P. apud DINO, Sávio. op. cit. p 223

Em Boa Vista, aonde chegou em 1900, Leão instalou-se e com o passar do tempo começou a reestruturar-se financeiramente, adquirindo a FAZENDA PRATA e algumas casas nos arredores da cidade, o que lhe permitiu trazer para a cidade sua numerosa família.

Fez então uma viagem à capital de Goiás, onde em audiência com o então Governador Rocha Lima, falou do seu propósito de contribuir junto com toda sua família, pela grandeza e desenvolvimento do município. Chegou, assim, a conquistar a simpatia do Governador. Segundo MARANHÃO:

*Sua presença respeitável e modos educados conquistaram a simpatia do Governador Rocha Lima, que o atendeu em toda plenitude, dando-lhe o necessário apoio para sua estabilidade política. Mandou para Boa Vista um Juiz, o Dr. Cantídio, que não transgredia uma linha das recomendações oficiais e o Promotor Público era genro do Coronel Leão.*<sup>18</sup>

Tais deferências acabaram produzindo ciúmes no **Padre João (João de Sousa Lima)**, filho da terra, sacerdote que tinha grande influência religiosa e política naquela localidade. Foi inclusive eleito Deputado Estadual pelo Norte de Goiás. Ele não viu com bons olhos a chegada de Leão à cidade, principalmente quando este começou novamente a envolver-se na política. Há informações de que Leão Leda obteve certo prestígio em Boa Vista, pois ao apoiar a candidatura de um parente seu às eleições municipais, este obteve a maioria dos votos, o que levou o Padre João, a declarar que esses votos haviam sido comprados<sup>19</sup>.

A crise entre os partidários do Padre João e os de Leão Leda se intensificava a cada dia e o padre usava o púlpito da Igreja para, em seus sermões, atacar o adversário, incitando disfarçadamente o povo a liquidar com ele e seus amigos. Nessa missão infame teve a ajuda do Frei Domingos Carrerot, um religioso dominicano, de origem francesa, que esteve temporariamente em Boa Vista e em 1911 se tornou o primeiro bispo de Conceição do Araguaia, sob o título de Dom Domingos<sup>20</sup>. Ele teria importante participação na trama que planejou o assassinato de Leão.

Em 1907 ocorreu a luta armada entre os dois grupos. O Padre João foi para Carolina no Maranhão, bem próximo a Boa-Vista e lá, juntamente com o Coronel Pinto e outros partidários, arregimentou e armou um grande número de homens e decidiu sitiá-la. Fechou todos os caminhos que levavam à cidade, deixando a população sem víveres, criando-se uma situação insustentável.

Nesse momento, um grupo de partidários de Leão Leda, segundo OTHON MARANHÃO, “num assomo indômito de coragem ou loucura” resolveu enfrentar os “revoltosos” comandados por Padre João (p.90). Na localidade denominada Varjão, às margens do Tocantins os dois grupos se enfrentaram. O Jornal Pacotilha conta a história desse trágico combate, em artigo escrito pelo juiz Cantídio Bretas e publicado dois anos depois de ocorrido o fato. Segundo ele, nessa luta perdeu a vida Thomaz Moreira, primo, grande amigo, genro (havia casado com sua filha Mundoca, viúva de Rosa Lima) e braço direito de Leão. Thomaz Moreira, nos diz Bretas, “bateu-se como um bravo e morreu como um herói, ele que era meigo e carinhoso sob seu teto, no recesso de seu

---

<sup>18</sup> MARANHÃO, Othon. **Setentrião goiano**. 2ª ed, 1990.

<sup>19</sup> Essa informação foi encontrada na internet, num artigo de Mário Ribeiro Martins, escritor e Procurador da Justiça em Palmas Tocantins. O artigo contém muitas informações erradas, inclusive o próprio nome de Leão, que é confundido com o de um descendente seu, Leão Tolstoi de Arruda Leda.

<sup>20</sup> A informação sobre frei Domingos foi obtida no Índice Onomástico da obra “Os Sertões”, organizada por Adalberto Franklin. Edição publicada em 2006. Editora Ética, Imperatriz-Ma.



dileto lar, valente e indomável na pugna em prol de um princípio”<sup>21</sup>. Esse assassinato ocorreu em 23 de maio de 1907 e há informações de que o Superior Tribunal de Goiás Velho expediu um *habeas corpus* em favor de Padre João e seu grupo, evitando que fossem presos.

Consternados com a morte de Thomaz, cujo corpo, segundo consta nesse artigo, foi queimado e lançado às águas do Tocantins, ao grupo de resistência nada mais havia a fazer senão abandonar suas posições e deixar que os “revoltosos”, superiores em número e munições, entrassem na cidade e se apoderassem dela.

Segundo consta, a partir desses acontecimentos, Leão Leda dirigiu-se para Conceição do Araguaia, onde contava com diversos parentes, que o acolheram. Mais uma vez perdera todos os seus bens e financeiramente achava-se em situação difícil. Mas não haveria de encontrar a paz. A perseguição do padre João e agora mais ainda do Frei Domingos Carrerot continuava. Nesta cidade o velho líder, agora sexagenário, iria encontrar a morte.

Os acontecimentos que culminaram com o ato final da tragédia, o assassinato de Leão, seu filho Mariano e alguns dos seus amigos, são narrados em um conto de Moura Lima. É interessante destacar o trecho onde ele narra a iniciativa de Frei Domingos Carrerot, Superior de Conceição do Araguaia e Padre João - em organizar um grande grupo armado para tirar a vida do seu adversário. Diz ele:

*E ali, no cochicho de rosário, Sipaúba, Zeca Mourão e os padres tomaram uma corajosa decisão: mandaram chamar a caboclada do sertão pra salvar Conceição (do Araguaia). Mil e duzentos homens atenderam o apelo dos padres. Todos queriam pegar no pau-furado, pra combater o macoteiro e seus paus-de-sebo.*

Preparada a cena da tragédia, não é de admirar que os acontecimentos começassem a se precipitar após a tradicional “reza” na Igreja, ao final do dia 7 de março. Leão achava-se em Conceição do Araguaia. É o próprio Frei Domingos Carrerot quem narra os fatos em uma coluna, no Jornal “O NORTE DE GOYAS”, publicada em 12 de março de 1909, três dias após o assassinato de Leão:

*Logo depois da reza, organizou-se um imponente préstito que percorreu as ruas sem armas, rompendo o silencio da noite unicamente para gritar vivas nas portas dos amigos. Inútil dizer-lhe que a passeata principiou e acabou na Igreja.*

Era um ato de provocação, em que o Padre, com o apoio do Frei Domingos Carrerot, manipulava seus fiéis para acender o estopim que iria por em ação os 400 homens que esperavam armados, prontos para atacar (segundo narrativa do frade, eram 1.200 homens). Aguardavam apenas uma pequena reação de Leão e seus homens para justificar o início da carnificina. O clima de terror varou a noite e segundo conta Frei Domingos, a fuzilaria começou no dia seguinte, 8 de março, quando principiava a missa. Leão e seus homens, narra o frade, achavam-se entrancheirados na casa de Pedro Solino e casas vizinhas. A fuzilaria permaneceu durante todo o dia, continuou a noite e ainda prosseguia ao amanhecer do dia 9. Chegava a hora final. O Frei Domingos Carrerot conta os detalhes da tragédia que ele ajudara a planejar, em sua reportagem publicada no jornal:

---

<sup>21</sup> Jornal PACOTILHA, São Luis, 10/03/1909

*Pediram nessa hora a minha intervenção, e si bem que lembrado dos acontecimentos de Boa vista do tempo do fr. Gil, fui com Norberto avistar-me com o Leão para dar paz, apesar de julga-la impossível.*

*Por duas vezes Leão consentiu a tudo, a desarmar, a afastar-se, não queria porém, sair sem ser acompanhado por mim.*

*A isto o povo não quis consentir.*

*Então, não podendo prestar ao infeliz a única garantia que pedia, e não o querendo ver matado (morto) aos meus lados, deixei-o, **não tinha o Leão mais nada a fazer senão preparar-se à morte.***

Como se pode ver, Leão naquele momento final propôs entregar-se desarmado. Nada mais havia a fazer. Queria apenas ter preservado seu direito a um julgamento justo e a sua vida. Desejava sair de casa para entregar-se, mas precisava da garantia de que não atirariam nele. Naquele momento trágico, apelou ao frade, pediu sua companhia para sair, porque sozinho tinha certeza de que seria morto. Mas o espírito cristão de Frei Domingos tal qual o do Padre João, era apenas uma farsa. Os interesses políticos, as ambições de poder, falavam muito mais forte em seus corações, que os ensinamentos do Cristo. E ao negar o último pedido do seu inimigo político deixando-o a mercê dos assassinos que eles ajudaram a armar, deixaram bem visível o caráter de vingança e ambição que os dominavam.

OTHON MARANHÃO, em seu livro *Setentrião Goiano*, ao narrar este triste episódio, imagina como teria sido o último diálogo entre pai e filho naquela hora angustiante. Vejamos o texto, que traz uma grande carga de emoção:

*Alguns momentos passaram juntos, pensando, conversando. Que diriam? Talvez pedindo clemência ao Pai: um sexagenário, cabelos grisalhos, caminheiro errante na vida terrena, sem compreender as oscilações do destino e sem tolerância para suportar as agruras do carma na sua prolongada lapidação espiritual: o outro, jovem, na flor dos anos, inteligência viva a deslumbrar-lhe brilhante futuro, na sua transitória existência e a encher-lhe o coração de ilusões e de esperanças. Tudo ali, prestes a findar. Caprichos da vaidade humana... 9 horas da manhã... A porta abriu-se, Leão e Mariano saíram emparelhados, olhos fitos no céu, sem um gesto de súplica e sem vislumbrar, ao menos um olhar de compaixão, sendo alvejados por dezenas de tiros que saíam de quase todas as portas e janelas.<sup>22</sup>*

Sobre Mariano Leda, o Jornal O NORTE de Barra do Corda, de 03/04/1909, em artigo em que narra o assassinato de Leão e seu filho, comenta:

*Seu jovem filho Mariano, que tão heroicamente ao seu lado morreu, era um moço inteligente, simpático e que poderia ter alcançado na sociedade posição condigna do seu nascimento, das tradições honrosas da sua família, da instrução que em Carolina recebeu do provecto educador Aníbal Mascarenhas, se a amizade filial não o impelisse a tomar parte com seu pai nessas lutas, da última das quais acaba de ser vítima.*

Voltemos ao final do texto do Frei Domingos:

---

<sup>22</sup> MARANHÃO, Othon. *Setentrião Goiano*. 2ª ed. 1990. p. 97

*O assalto principiou largo, ardente, irresistível.  
Invadiram a casa, Leão suplicou, mas morreu na mesma hora, e com ele o seu  
filho Mariano e sete camaradas. “Treze outros foram presos”  
Da parte de Conceição (do Araguaia) não morreu ninguém*

E prossegue:

*Apenas acabado o ataque os 1.200 homens saem de joelhos gritando: Viva  
Nossa Senhora da Conceição, e dando salvas enquanto centenas de rifles  
dão repetidas salvas de alegria.*

PALACÍN, em seu livro “Coronelismo no extremo norte de Goiás”, fala sobre a existência de um bilhete assinado por Leão e Mariano naquela hora terrível, dirigido aos Padres e Irmãs, pedindo em nome de Deus que fossem até eles para conversar e salvar suas vidas. (p. 150). Nada, porém, demoveu os religiosos do seu intento de permitir e garantir o massacre.

Concretizou-se assim o ato de selvageria e covardia, que tirou a vida de um homem, de seu filho ainda na flor da idade e de alguns dos seus amigos. Massacre vil e abominável, tramado e abençoado pelos religiosos Frei Domingos e Padre João e, no dizer do frade, supostamente por Nossa Senhora da Conceição!

Era a manhã do dia 9 de março de 1909.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a morte de Leão, continuou o ultraje a sua memória. Seus familiares e descendentes temiam declararem-se Leda, por motivo de segurança. Muitos membros da família Leda deixaram o sertão maranhense, refugiando-se em outros municípios ou Estados.

Dos filhos de Leão, sabe-se que pelo menos Manoel e Maria Amélia se mudaram para Pernambuco, onde hoje seus descendentes ainda podem ser encontrados nas cidades de Petrolina, Juazeiro, Feira de Santana, Salvador e Recife.

Através de informações de parentes, sabe-se que D. Virgínia, esposa de Leão, terminou seus dias em Grajaú, onde viveu em situação de quase reclusão e em estado de penúria, visto que da antiga riqueza nada mais existia. Em 1938, ela foi visitada por Francisco, filho de Luis Leda que residia em Barra do Corda e que relatou tê-la encontrado quase cega.

Segundo alguns familiares, até sua morte ela procurou esquecer os dias de angústia e sofrimento que vivera. Sua defesa foi o silêncio, negando-se a falar, comentar, emitir opinião sobre todos os fatos que marcaram tão tragicamente sua vida em companhia do marido.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, Dunshee de. **A esfinge do Grajaú**. 2ª ed. São Luís: Alumar, 1993.
- A PACOTILHA, São Luis, 30/3/1909
- A PACOTINHA, São Luis, 10/03/1909.
- BRANDES, Galeno Edgar. **Barra do Corda na história do Maranhão**. São Luís/Ma. SIOGE, 1994.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.
- CARVALHO, Carlota. **O Sertão**. 3ª ed. Imperatriz, MA: Ética, 2006.
- COELHO NETTO, Eloy. **História do sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos**. Belo Horizonte: São Vicente, 1979.
- COUTINHO, Márcio. **Grajaú: um estudo de sua história**. São Luis, EDIGRAF, 2006.
- DINO, Sálvio. **Parsondas Carvalho: um novo olhar sobre o sertão**. Ética: Imperatriz-Ma, 2006. (Anexos sobre a Guerra do Leda organizados por Adalberto Franklin).
- MARANHÃO, Othon. **Setentrião goiano**. 2ª ed. 1990
- MARTINS, Mario Ribeiro. **Tolstoi e o Padre João**. Retirado da internet: [www.mariomartins.com.br](http://www.mariomartins.com.br)
- MEIRELLES, Mário. **O Maranhão e a República**. São Luis: Sioge, 1990.
- MOURA LIMA. **Tropeiros do Jalapão**. [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br)
- O NORTE, Barra do Corda 03/04/1909
- PALACÍN, Luis G. **Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e as três revoluções de Boa Vista**. São Paulo-SP: Loyola, 1990.
- VIVEIROS, Jerônimo. **Benedito Leite: um verdadeiro republicano**. Rio de Janeiro: Indústrias Gráficas Taveira Ltda., 1957.